

A GLOBALIZAÇÃO E A BARBÁRIE SUAVE DA CIVILIZAÇÃO

Esther Cabado Modia
UNIBAN - Universidade Bandeirante de São Paulo
Doutoranda em Psicologia Social
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Esdras Guerreiro Vasconcellos
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
Doutor em Psicologia

Resumo

A cultura contemporânea estimula o sujeito a satisfazer necessidades que se representam através de objetos do desejo, centradas no narcisismo e reduzindo o ego a um “Ego mínimo”. Dedicados à própria imagem, estamos na era do culto ao ego, da satisfação imediata das necessidades, na cultura do corpo, na busca de status. O sujeito contemporâneo adere aos apelos da cultura, por meio da comunicação de massa que exalta a individualidade, a liberdade de expressão e de idéias, que impõem uma ideologia que atende a grupos que determinam qual e como deve ser o melhor estilo de vida. O sujeito tem uma subjetividade vazia, pois perdeu conteúdos com substância reflexiva pautados na razão e na transcendência. A interioridade vazia dissociada do exterior é cativa do narcisismo, nega a alteridade, o reconhecimento do outro, ressaltando o lado sombrio da subjetividade, as pulsões de morte que constituem a barbarie individual. A cultura de massas focaliza os aspectos pulsionais primitivos do sujeito. Quando a cultura contemporânea captura o narcisismo primário do sujeito, ela evidencia uma das faces da barbárie da civilização, a barbárie suave, pois torna o homem cativo de sua ideologia, inibindo a capacidade de pensamento e de reflexão. A globalização, expressão da cultura de massas, ao planejar as necessidades e desejos em escala mundial, prioriza o materialismo, o consumismo, o imediatismo e o culto aos objetos da moda. A globalização, conduzida pelas grandes corporações, constitui-se em uma das fontes externas da vacuidade da alma.

Palavras-chave: globalização; barbárie; subjetividade

Abstract

The contemporary culture stimulates us to the satisfaction of our necessities that became objects of desire centered on narcissism and reducing the self to a “minimal self”. Dedicated to our own image we are in an era of the self cult, the immediate needs satisfaction, the body cult, the search of status. The contemporary subject adheres to the cultural appeals through mass communication, exaltation of individuality, liberty of expression and ideas, that impose an ideology that attends the interests of groups that determine which and how must be the best style of life. The subject has and empty subjectivity due to the lost of the substantial contents in accordance with reason

and transcendency. The empty interiority dissociated from the exterior is captive of the narcissism, deny the recognition of the other, focussing on the dark side of subjectivity, the death instincts that constitutes the individual barbarism. The mass culture focus on instincts aspects of the subject. In capturing the primary narcissism, the contemporary culture reveals one of the barbaric faces of civilization, the soft barbarism, so becoming the subject captive of an ideology that inhibits the capacities of thinking and reflexion. The globalization as expression of the mass culture, in planning the necessities and desires in global scale, gives priority to the materialism, the consumption, the immediacy and the cult to the fashion objects. Globalization as conducted by the corporations represents one of the sources of the vacuity of the soul.

Keywords: globalization; barbarism; subjectivity

A GLOBALIZAÇÃO E A BARBÁRIE SUAVE DA CIVILIZAÇÃO

Esther Cabado Modia
Esdras Guerreiro Vasconcellos

Introdução

O conhecimento do senso comum sobre o homem social revela que a barbárie constitui-se de atos de violência extrema, destruição desmedida e descontrolada contra a civilização, contra uma sociedade que se quer ordeira e organizada.

Na Grécia e na Roma antiga, considerava-se que todo estrangeiro era bárbaro o que equivalia dizer que era um sujeito rude, inculto e grosseiro, sem o direito de se tornar, um dia, cidadão grego, ou romano.

A condição de barbárie é demonstrada por meio de atos de selvageria, opondo-se totalmente aos atos civilizados, que são pautados pela razão e pelo discernimento coletivo. Dessa forma, os saberes do cotidiano não relacionam a barbárie com aspectos intrapsíquicos do sujeito mas, pelo contrário, a barbárie é vista como estranha a nós, sempre acontecendo fora de nós.

A produção de sentido sobre a barbárie, em tempos atuais, encontra significação emblemática nas recorrentes rebeliões nos presídios brasileiros, onde vem ocorrendo, por parte dos presos, uma explosão irracional e primitiva de violência, culminando, não raro, em numerosas mortes injustificadas .

Exemplos concretos não faltam. Um deles, que demonstra o que o presente artigo pretende abordar, aconteceu no presídio Urso Branco em Rondônia, em 21 de abril de 2004, conflito que se estendeu por quase duas semanas. Atos insanos e selvagens tiveram origem em uma briga por motivos torpes, entre dois grupos de presidiários rivais, que resultaram, primeiramente, em duas mortes. A partir daí, a administração do presídio perdeu o controle da situação e os presos dominaram o presídio no dia de visitas, submetendo os próprios parentes à condição de reféns. O exibicionismo¹ e a selvageria dos amotinados foi o ponto alto. No início da rebelião, um grupo de presos subiu no telhado da prisão, esquartejou um preso e degolou outro, com requintes de violência e demonstração de força. A cena foi de horror. A população que acorreu ao local gritava e implorava na tentativa de impedir a barbárie. Tudo em vão. No dia seguinte, ainda no telhado, três presos já mortos, foram pendurados pelos pés na caixa d'água. No decorrer dos dias, por meio de negociações e privação das condições elementares de sobrevivência dentro da

¹ Emissoras de televisão mostraram ao vivo e com detalhes a violência praticada pelos presos.

prisão, os presos foram aos poucos, aceitando, as regras de convivência, impostas pela direção do presídio.

A descrição acima indica que as representações sociais da barbárie ancoram-se nos fatores sócio-ambientais, sendo por isso, externas ao sujeito. O entorno é o agente direto, causador dos atos bárbaros, dessa forma, entende-se que a explosão da violência dos presos deu-se por melhores condições carcerárias, por não terem direito, por exemplo, a visitas íntimas, banhos de sol, boa alimentação, e outros.

Mattéi (2002), ao estudar a subjetividade, aponta em outra direção. O autor enfatiza que a barbárie reside no interior do ser humano e, para facilitar o entendimento de sua tese, ele recorre ao mito da caverna de Platão². Dentro da caverna escura e lamacenta em que habita nossa alma, há uma luta pulsional que busca vencer o peso da lama, para conseguir sair da caverna e alcançar a salvação que, externa à caverna, está na luz do bem (consciência).

Dessa forma, a interioridade (subjetividade) humana, enquanto habitante aprisionada da caverna, é vazia, sem substância. A alma, para conseguir substância, precisa sair ao exterior e buscar no convívio, a formação de sua identidade.

Ainda de acordo com Mattéi (2002), o desenvolvimento do sujeito somente será possibilitado se ele sair da escuridão da caverna em que se encontra em estado pulsional, para conhecer e enxergar o mundo.

O conhecimento externo do mundo, do cosmos, de Deus, está à disposição do homem nas fontes de transcendência, única via para conseguir uma alma com substância e manter sob controle os monstros instintivos da caverna. Nesse sentido, o autor alerta para a barbárie que habita o porão desconhecido do sujeito, e que precisa ser mantido dentro dos limites da razão. Mas isto só é possível se o sujeito tomar conhecimento das forças destrutivas que o habitam.

² Reportando-nos diretamente a Platão, temos: “Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, gênero dos tapumes que os homens dos “robertos” colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles”. (Platão, *A República*. 4.ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, p. 317 (514a-b)).

“(…) Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a idéia do Bem; e uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública”. (Ibid, p. 321(517b-c)).

Manter as pulsões destrutivas em clausura na interioridade implica, necessariamente, em abertura para a alteridade. Ter o outro representado em mim, aceitando-o como diferente de mim, mas humano como eu, é o que me permite ter uma identidade e, por sua vez, a sociedade precisa fornecer as condições de acesso às fontes de transcendência, que são a aquisição do conhecimento, a arte, a educação, a ciência a política e a religiosidade.

Nesse ponto, ressalta-se a importância da sociedade na construção de uma subjetividade com substância. A sociedade, porém, é coadjuvante, e o sujeito individual é protagonista. Cabe a cada um sair da caverna e buscar a transcendência. Vale dizer, os acontecimentos trágicos e bárbaros que ocorreram no presídio em Rondônia, foram desencadeados pela vacuidade interior individual de cada um dos presos envolvidos diretamente na violência ocorrida. Tais grupos de presos rebelados, em incontida fúria, romperam com a instância repressora deixando em suspenso a consciência crítica, os valores morais, para obter notoriedade e por meio da força puramente pulsional destrutiva, conseguir ver atendidas suas reivindicações, que poderiam ter sido resolvidas por meio de negociação.

A gênese da barbárie interior

A interioridade vazia, escura, cheia de lama, habitada por monstros ancestrais, revela um ser humano em estado narcísico, pulsional, que tem uma representação especular de si mesmo, e que, fascinado com a sua própria imagem, acredita que o mundo existe, porque ele existe. Desse modo, o sujeito não consegue ver seu lado sombrio, destrutivo. O sujeito se representa o tempo todo a si mesmo, não reconhecendo o outro, singular, diferente, mas ser humano como ele também.

Buscando na Psicanálise freudiana, a gênese da barbárie interior se dá na luta entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Assim, Eros, a pulsão de vida, mostra suas feições amistosas, libidinais, amorosas, lutando para guiar o sujeito para uma vida com substância, com vistas à transcendência, e as forças destrutivas de Thanatos, buscando voltar ao estado inorgânico, a morte.

Tais forças são constitutivas, nascem com o ser humano e fazem parte de sua identidade até o último dia de vida. Harmonizar Eros e Thanatos, desde a tenra idade é um desafio que as mães amorosas, empregando o termo de Melanie Klein, assumem inconscientemente com a ajuda de Eros.

Damergian (2001, p. 90) argumenta, inspirando-se em Arquimedes, que

o bebê necessita de pelo menos um ponto fixo para construir o seu universo. Este universo, para nós, é o mundo interno, a sua identidade. O ponto fixo é o objeto bom que lhe deve ser oferecido pelo meio (mãe ou substituta). Sem isso o núcleo do ego não se estrutura de forma saudável, a personalidade não se desenvolve, a identidade não se constrói adequadamente. O ponto fixo ou objeto bom, que deve se constituir em núcleo de ego, está fora e deve ser oferecido ao bebê por intermédio da mãe.

As mães amorosas, enfatiza Damergian em sua tese (1989), devem ser capazes de oferecer um “ponto fixo” que possa propiciar desenvolvimento e crescimento emocional ao seus bebês.

Os bebês humanos vêm ao mundo muito cedo, por isso são dependentes por muito tempo, e sem as mães, ou alguém substituto, não sobrevivem. Assim, o “ponto fixo” que Damergian enfatiza como o objeto bom que formará o núcleo do ego, é externo, e deve ser oferecido pela mãe.

Damergian (2001, p. 91) assinala ainda, que

A importância do meio é muito grande, pois ele pode, até certo ponto, compensar uma estrutura mais frágil, como Piaget propõe ao explicar o desenvolvimento cognitivo, e, antes de tudo, atenuar a intensidade da pulsão de morte. Ele pode também atuar como algo tristemente mortífero para o bebê quando a mãe ou representante é incapaz de continência, acolhimento, quando motivos psicológicos, sociais, econômicos, basicamente, falta de amor, dificultam o estabelecimento desse primeiro e fundamental vínculo.

O primeiro mecanismo de enlace afetivo do bebê com outra pessoa, e que exerce papel importante na pré história do complexo de Édipo, é o mecanismo de identificação. Nessa fase, a criança manifesta um interesse especial pelo seu pai, identificando-se com ele como um modelo a imitar, de tê-lo como um ideal, de ser como ele.

Ao mesmo tempo, a criança passa a considerar sua mãe como o seu objeto libidinal, objeto que ela, a criança, gostaria de ter. Esses dois enlaces coexistem durante algum tempo, sem conflitos, ou seja, um enlace afetivo não influi no outro. Mas à medida que a vida psíquica tende à unificação, os dois vão se aproximando até encontrarem-se e, na confluência, formar-se o complexo de Édipo normal.

Desse modo, desponta a importância dos modelos identificatórios saudáveis e positivos à criança, os quais servirão de “pontos fixos” equilibradores durante todo o decorrer de sua vida.

Damergian (2001, p. 94) complementa que

A mãe, como ponto fixo, se situa no espaço de vida do bebê como representante de uma valência positiva. Assim, entre os acontecimentos

possíveis para a criança no momento dado, do seu aqui-agora, está o objeto bom de que fala Klein. Se a pulsão de vida for predominante, o amor da mãe e a sua bondade ajudarão o bebê a superar as vicissitudes de seu processo de desenvolvimento dando-lhe condições para desenvolver o amor, a bondade, em relação ao objeto; a capacidade para reparar suas ações destrutivas em função da culpa, superar a inveja e desenvolver a gratidão. Klein acentua a importância das condições internas do bebê atuando na internalização e troca com objeto amoroso como fundamentais para a constituição de uma subjetividade predominantemente solidária, capaz de empatia, de culpa que a leve a evitar ou reparar ações destrutivas. Ao enfatizar o papel da bondade na estruturação do caráter, aponta-nos para o papel do amor como constituinte básico da ética.

A boa mãe prepara seu filho para a vida, mas para que essa interação resulte favorável, a sociedade deverá propiciar as condições adequadas às necessidades humanas saudáveis que, por sua vez, estimulam o desenvolvimento. Por isso, os modelos identificatórios deverão ser pautados pela busca da excelência, o que significa buscar sempre a virtude, o agir e o pensar por meio da razão e da ética.

Freud nega que o ser humano tem tendência inata para ser gregário. Ele enfatiza que não é uma necessidade determinada pelos instintos, que a criança precisa de laços afetivos identificatórios construídos no vivido, no desejo de ser o mais amado e no desejo de ser o objeto de amor dos pais. Por isso, na evolução do aparelho psíquico infantil, na fase em que a identificação remodela o Ego, a criança tem que renunciar à mãe como objeto libidinal, surgindo a fonte do primeiro conflito mental, com a destruição da ilusão infantil de onipotência. Dessa forma, o complexo de Édipo se impõe e, da angústia da perda, surge a melancolia que se transforma em depressão, auto-depreciação e sentimento de culpa por ter perdido o objeto desejado. Como diz Freud (1991, p. 46), “a sombra do objeto caiu sobre o Ego”.

A ilusão perdida sobrevive no narcisismo original que se desdobra na instância do ideal do ego. Assim, o ideal do ego consiste de representações internalizadas e idealizadas dos pais e de outras autoridades que são admiradas pelo ego. O ideal do ego ajuda a sublimar os impulsos libidinais, no empenho de viver de acordo com o exemplo dos pais e das pessoas que interagem no entorno da criança. Nessa fase, o ideal do ego inclui as forças repressoras (consciência moral), traços regressivos, com tendência a fantasias de onipotência, e reversão a padrões orais de dependência. O ideal de ego funciona, também, como uma válvula de escape para aliviar as tensões do ego.

Na instância do ideal do ego, prevalecem o pensamento mágico e a satisfação alucinatória dos desejos, e, à medida em que a criança se coloca psiquicamente mais centrada na aceitação da

realidade, ocorre a formação da instância do superego que, ao internalizar as normas sociais, passa a incorporar a consciência moral.

O superego é resultado da apropriação social, e constitui-se das significações que a criança interpreta sobre a realidade que vive. O superego representa a moralidade, e reflete os padrões da sociedade em que a criança é educada. Dessa forma, enquanto o superego centra-se na obediência irrestrita das normas sociais, na submissão à autoridade intimidativa dos pais pelo medo da punição, o ideal do ego centra-se no ideal de perfeição, ou seja, a forma de como o sujeito deve se comportar para corresponder à expectativa da autoridade.

O ideal do ego, por ser herdeiro do narcisismo primário em que não reconhece o outro, identificando-se apenas consigo mesmo de maneira hedonista e onipotente, contraditoriamente, busca a transcendência no mundo exterior. Como nos diz Lasch (1987, p. 164),

...os vínculos que se estabelecem entre as formas mais elevadas e as mais inferiores da vida mental, entre as mais exaltadas aspirações de transcendência espiritual e as anteriores ilusões do onipotência e auto-suficiência. Mostra como o impulso de restauração de tais ilusões expressa-se em fantasias regressivas de uma mágica simbiose com o mundo ou de auto-suficiência absoluta, como também em uma dedicada exploração do mundo por meio da arte, da alegre curiosidade científica e das atividades da criação e da cultura.

Assim, o ideal do ego, por abarcar sentimentos nobres de ética, de perfeição, e, também, e ao mesmo tempo, pulsões das profundezas da caverna escura, torna o sujeito vulnerável à barbárie. Em outras palavras, os sentimentos mais vís podem emergir do narcisismo reprimido, liberando destruição, se o sujeito não construiu adequadamente sua subjetividade.

Dessa forma, pode-se entender (mas não justificar) acontecimentos como o caso citado anteriormente sobre a rebelião de presos. O sujeito regride ao narcisismo original, não sofrendo mais a censura sobre os seus atos. Extravasa com selvageria, sem o menor remorso, e se justifica considerando que matou por que “era eu ou ele”. Os presos, confinados em condições sub-humanas, no limite do suportável da condição humana, tornam-se presas fáceis do “ego mínimo”, com a ruptura dos controles civilizatórios e a desvinculação do mundo. Como afirma Damergian (2004), “se a pessoa não possuir vínculos transcendentais que é o que nos fortalece, ela fica presa fácil da cultura vazia”.³

³ Sueli Damergian, disciplina “O inconsciente na Interação Humana”, notas de aula, Universidade de São Paulo, 06/2004.

A barbárie e a cultura vazia

A cultura contemporânea está centrada na manutenção do narcisismo. O homem está cada vez mais cativo de sua própria imagem. Estamos na era do culto ao ego, da satisfação imediata das necessidades, na cultura do corpo, na busca de status.

Desse modo, as necessidades humanas tornam-se desejos que precisam ser satisfeitos a qualquer preço, já que, nessa perspectiva, a resistência à frustração é baixa, e o sujeito vive no mundo enxergando apenas a si e aos objetos de sua adoração.

Lasch (1987, p. 12) assinala que o “eu mínimo ou narcisista é, antes de tudo um eu inseguro de seus próprios limites, que ora almeja reconstruir o mundo à sua própria imagem, ora anseia fundir-se em seu ambiente numa extasiada união.”

Dessa forma, o sujeito contemporâneo adere sem resistência aos modismos e apelos da cultura vigente, por meio da comunicação de massa, iludido com a promessa de poder ter acesso aos objetos, transformados em objetos de desejo. Para Lasch (1987, p. 13), trata-se de “a substituição de um mundo confiável de objetos duráveis por um mundo de imagens oscilantes que torna cada vez mais difícil a distinção entre a realidade e a fantasia”.

A cultura contemporânea, como discurso, exalta a individualidade, a liberdade de expressão e de idéias, mas, na realidade, impõe uma ideologia que atende a grupos hegemônicos que enfatizam como deve ser, e qual deve ser, o melhor estilo de vida, isto é, impõem, na verdade, o “american way of life”.

Escravidado pelo consumismo imediatista, movido por aspirações de status e de materialismo compulsivo, o homem prioriza ter cada vez mais coisas. Vasconcellos (ROCHA, 2002), aponta o “workaholic”, exemplo emblemático do homem contemporâneo corporativo, que “vive apenas para o trabalho e só sente prazer enquanto está no escritório. Ele é agressivo no trato com os colegas, obcecado pelo sucesso e um eterno insatisfeito. Essas pessoas competem até mesmo quando estão de folga”. A busca interminável pelos objetos levam à perda de substância, e a possibilidade de transcendência do homem é negada. Por isso, o sujeito contemporâneo possui uma subjetividade vazia.

Mattéi (2002) afirma que o homem perdeu o seu “fundamento substancial extrínseco”, e aí perdeu sua alma, com o bloqueio das fontes de transcendência, com a negação do alter, elementos básicos à construção da subjetividade (com substância).

A modernidade dispersou os significados substanciais do sujeito, voltando o sujeito para dentro do vazio de si mesmo. Nesse sentido, Mattéi (2002, p. 156) afirma que a “novidade

absoluta do sujeito moderno, retirado em seu *quanto a si*, reside na indiferença radical por ele manifestada em relação a qualquer forma de exterioridade, quer seja divina, mundana, quer social. O sujeito torna-se estranho a tudo que não é ele, como se os olhos se tivessem virado nas órbitas para olharem apenas suas próprias cavidades”.

A reflexão de Mattéi é reforçada ao lermos Hannah Arendt que, ao fazer uma análise da Alienação do mundo (1981, p. 265) afirma que

A moderna perda de fé não é de origem religiosa - não pode ser atribuída à Reforma nem à Contra-Reforma, os dois grandes movimentos religiosos da era moderna - e seu alcance não se limita de modo algum à esfera religiosa. Além do mais, mesmo que admitíssemos que a era moderna teve início com um súbito e inexplicável eclipse da transcendência, da crença de uma vida após a morte, isto não significaria absolutamente que esta perda houvesse lançado o homem de volta ao mundo. Ao contrário, a história demonstra que os homens modernos não foram arremessados de volta a este mundo, mas para dentro de si mesmos.

A autora continua sua análise salientando que o homem moderno está alienado em relação ao mundo, e totalmente empenhado em satisfazer o seu ego, por isso, só se enxerga a si mesmo.

O homem possui vocação para a humanidade, para o transcendente, mas quando ocorre a dissociação do interior com o exterior (representado pelo mundo de Deus), a barbárie do sujeito pode emergir da interioridade, sombriamente. Por isso, pode-se dizer que há duas formas de barbárie: a barbárie individual e a barbárie da civilização.

A barbárie individual manifesta-se, como assinala Mattéi (2002, p. 61),

da *interioridade* do homem que, privado de toda luz exterior, permanece submetido aos reflexos especulares do humano e do bárbaro, cada um deles aprisionando o outro na imagem invertida de si mesmo, sem jamais escapar ao inferno de seu encarceramento. O inferno não são nunca os outros, como afirma um sofisma muito difundido; o inferno somos sempre nós mesmos, assim que a interioridade se fecha a toda abertura exterior.

E o autor complementa, que a “barbárie é ao mesmo tempo a deserção de si e a regressão do ser”. Dessa forma, a barbárie individual do sujeito é negar a alteridade e voltar-se para si mesmo, narcisisticamente, deixando-se levar pelos prazeres imediatos, na busca compulsiva pelo objeto faltante do desejo.

A barbárie da civilização, por sua vez, apresenta múltiplas faces. Neste trabalho, a barbárie evidencia-se na cultura de massas, em que o sujeito, preso no seu *self*, perde-se de si mesmo, molda-se, e funde-se na massa de outros sujeitos tão vazios quanto ele. Trata-se da barbárie suave

que destrói a capacidade de pensamento atingindo diretamente os significados com substância que buscam a transcendência e coloca, no seu lugar, as necessidades materiais.

Mattéi (2002, p. 156) aponta, inspirando-se em Charles Taylor, as três causas do mal-estar da modernidade que influenciam negativamente no sujeito:

1. o individualismo, que afeta o julgamento moral humanista, a exaltação à autenticidade,
2. a razão instrumental, que justifica as ações pelo interesse utilitário das relações, e
3. a atomização “dos indivíduos que estreitou suas vidas num fechamento egoísta em si mesmos”.

A barbárie suave da civilização moderna torna o homem cativo de sua ideologia e se coloca como o “ser fixo” do sujeito, como pontua Mattéi ao fazer uma análise sobre o marxismo e sobre o nazismo (2002, p. 301). Diz o autor que o “ser fixo” do sujeito, aprisiona o homem ideologicamente, priorizando interesses materialistas, sob a justificativa de que tais interesses produzem felicidade e bem-estar coletivo. O “ser fixo” do sujeito “sujeita o sujeito” sustentando que tal ideário é o melhor para as suas vidas. Não há como escapar.

É possível perceber aqui a diferença existente entre o “ser fixo” de que nos fala Mattéi, e o “ponto fixo” do qual nos fala Damergian (2001, p. 94), em que a autora enfatiza a necessidade de modelos construtivos identificatórios, amorosos, para possibilitar o desenvolvimento humano e a liberdade de pensamento. O “ser fixo”, por sua vez, amordaça, tolhe o desenvolvimento, pois limita o pensamento em torno da ideologia.

O ser humano, nessa perspectiva, tem que estar fixo à condição imposta pela ideologia vazia do poder hegemônico.

É nesse contexto que a globalização emerge como “ser fixo” do sujeito contemporâneo: para o bem e para o mal.

A Globalização Contemporânea e a Barbárie Suave

A Globalização é um processo em que países altamente industrializados e com tecnologia avançada fazem alianças e parcerias, e se unem visando, principalmente, comercializar seus produtos, reduzindo ou, até mesmo, eliminando taxas alfandegárias.

A comercialização entre os países é prática antiga. Desde remotos tempos, povos comercializam os seus produtos fora dos limites dos seus países. Mas foi no século XX que a globalização, como se a entende atualmente, intensificou-se, somada aos interesses da economia

de mercado, por não reconhecer fronteiras geográficas e políticas, conseguiu conciliar o impensável: a união do capitalismo e do comunismo na China.

O marco notável da globalização deu-se na Europa, ao final de 1946, quando se cria, em Paris, a União Européia dos Federalistas, constituído de Bélgica, França, Luxemburgo, Itália, Países Baixos e Alemanha.

Atualmente, a União Européia é o bloco econômico mais forte do planeta e, na sua trajetória, por interesses eminentemente mercadológicos, traçou uma nova geografia da Europa, considerando a possibilidade de admitir no clube, países não-europeus⁴. Na passagem de 2004 para 2005 foram aceitos 10 países considerados pobres no ponto de vista econômico, do leste europeu, com política democrática recente. O maior interesse dessa adesão centra-se na ampliação de um mercado de consumo geograficamente próximo, com intuito de despolarizar os Estados Unidos como foco principal de acordos políticos e comerciais por parte desses países.

Dessa forma, a União Européia passou de 15 para 25 países, contando com 450 milhões de habitantes com poder de consumo para movimentar a economia e destacar-se frente aos Estados Unidos e ao Japão. Mas, por outro lado, os Estados Unidos ainda detêm a hegemonia econômica, ditando regras por meio do Banco Mundial, do BIRD⁵, do FMI⁶, e por meios diplomáticos, principalmente aos países pobres (sempre endividados), emergentes e em desenvolvimento.

Nesse cenário, o Brasil interessa a todos os blocos econômicos, mas está sempre vulnerável ao jogo político-econômico. Por exemplo, a inclusão dos países do leste europeu na União Européia, diminui a possibilidade de investimentos do bloco, no Brasil.

Outro exemplo notável são a China e a Índia. Esses dois países possuem as maiores populações do planeta⁷ e estão buscando por meio da economia de mercado aumentar o consumo interno e externo. As práticas desses dois países também são fatores inibitórios de investimentos no Brasil. Mesmo assim, os Estados Unidos, a União Européia, o Japão, procuram ter relações econômico-comerciais ativas e crescentes, porque o Brasil também apresenta um potencial milionário de mercado.⁸

⁴ Turquia, país asiático fronteiro com a Europa, que está sendo analisado para entrar no bloco.

⁵ Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.

⁶ Fundo Monetário Internacional.

⁷ População da China 1.32 bilhão.
População da Índia 1.10 bilhão.

⁸ População do Brasil, 187 milhões.
O Brasil ocupa o 5. lugar de país mais populoso

O Brasil, para não ter que depender tanto dessas potências e ser mais independente e forte, procurou unir-se aos países vizinhos. Juntos, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai fundaram o bloco econômico *Mercosul* que conta com a simpatia do Chile, e da Bolívia. A Venezuela assinou um acordo de adesão ao bloco, mas é cedo para saber os resultados.

O Mercosul, no seu início, delineou acordos comerciais bastante promissores por vias governamentais, com perspectivas de desenvolvimento para os países envolvidos. Mas, com o decorrer do tempo, muitos acordos foram quebrados ao sabor de interesses políticos. Mesmo assim, o Mercosul está aí e, até o momento, não se sabe se prospera, ou se será engolido pela Globalização.

Atualmente, o Brasil incrementa e prioriza as exportações para fortalecer-se economicamente, mas socialmente, por exemplo, restringe o consumo interno de frango pela população de baixa renda pois, como a demanda está aquecida no mercado externo, o produto aumentou de preço.

Essa situação demonstra o efeito perverso da globalização, que não se preocupa com o bem estar das pessoas, mas sim com os bons resultados da balança comercial.

A intensificação acelerada da globalização, no Brasil, deu-se por conta do governo Fernando Henrique Cardoso, por meio de maior abertura da economia ao capital estrangeiro (antes restrito), por meio da liberação das leis da economia de mercado (fim da reserva de mercado), das privatizações, e outras medidas. Tais procedimentos tornaram o Brasil mais interessante a investimentos estrangeiros, não apenas na bolsa de valores, mas também com a facilitação de instalação de novas fábricas de capital estrangeiro e de representações comerciais.

Ao mesmo tempo, a tecnologia da Internet abriu possibilidades ilimitadas para intercâmbios comerciais em todo o mundo. Assim, pode-se dizer que a globalização redesenhou o mundo.

O acesso à informação e ao consumo foi massificado, mas, desde que se tenha condições de pagar. Há condições de atender aos apelos da sociedade de consumo: o objeto do desejo, agora, está próximo do sujeito. É só pagar o preço.

Esse novo desenho geográfico que, inicialmente, tinha um objetivo exclusivo na economia, vem, como consequência, interferindo de maneira decisiva na sociologia dos povos. O que antes era considerado nacional, típico de cada cultura, vem sendo influenciado e fundido em uma sociedade global.

Refletir sobre o impacto da globalização na vida das nações, compreender seus efeitos perversos e negativos, aprofundados pelo desenvolvimento desigual, em que o poder hegemônico impõe regras desiguais aos países pobres, emergentes e em processo de desenvolvimento,

constitui objeto de análise e de estudo de Ianni (1997, p. 125), que afirma que a “globalização não apaga nem as desigualdades nem as contradições que constituem uma parte importante do tecido da vida social nacional e mundial”. De acordo com o autor, a globalização aumenta a interdependência dos países pobres, emergentes e em desenvolvimento pois, na medida em que a globalização se apresenta como facilitadora do comércio em escala mundial, apresenta-se, também, contraditoriamente, como ditadora de regras que estabelecem uma nova ordem mundial, uma nova forma de poder global, que favorece interesses econômicos de grandes corporações.

Dessa forma, as grandes corporações confundem-se com os governos, como complementa Ianni (1997, p. 135. Itálicos do autor), que nos diz que

colocam-se também como centros de mando e decisão as empresas, corporações e conglomerados ditos multinacionais, transnacionais, mundiais, globais ou planetários. São responsáveis pela formação, funcionamento e transformação do que se poderia denominar o *shopping center global*, espalhando-se por países e continentes. Tanto assim que certas partes do mundo dão a impressão de uma vasta disneylândia, já que a mercadoria aparece como divertimento, algo lúdico, simulacro fascinante do real impossível.

Essa é uma das faces da barbárie da civilização: a barbárie suave. A globalização, ao planejar as necessidades e desejos humanos em escala mundial, sacraliza o materialismo, o consumismo, o imediatismo e o culto aos objetos da moda. A globalização, conduzida pelas grandes corporações é, nesse sentido, uma das fontes externas fornecedoras da vacuidade da alma do sujeito.

Já na década de 1970, Richard J. Barnet e Ronald Muller (1974, p. 13), alertavam para os perigos do que eles denominam de “globobagem ou *shopping center global*”. Assinalam os autores, que os “homens que dirigem as empresas globais são os primeiros homens na história que possuem a organização, a tecnologia, os recursos e a ideologia para fazer uma tentativa plausível de administrar o mundo como uma unidade integrada.”. Pode-se inferir, aqui, que o poder hegemônico move-se de acordo com os interesses empresariais e não de acordo com uma sociedade justa e igualitária. Complementam eles (1974, p. 14) que a “empresa global é a primeira instituição na história humana dedicada ao planejamento centralizado em escala mundial. Uma vez que sua finalidade consiste em organizar e integrar a atividade econômica em todo o mundo, de modo a maximizar o lucro global, essa empresa constitui uma estrutura orgânica da qual se espera que cada parte sirva ao todo”.

Nesse sentido, é fácil de entender porque uma grande empresa americana fecha, sem o menor constrangimento, uma de suas unidades em uma cidadezinha (e isto acontece também no

interior dos Estados Unidos) em que os seus habitantes giram em torno da empresa. Famílias inteiras trabalham nela. O comércio local tem a sua vitalidade marcada pelos empregados da empresa. A economia da cidade é ditada pela empresa. E, por motivos “empresariais”, ou por “encontrar mão de obra mais barata”, fecha-se a unidade fabril, deixando para trás milhares de desempregados sem chance de nova ocupação, exceto, o de tentar um novo emprego em outra cidade.

Exemplificando, a General Motors Company, nos Estados Unidos, é um caso típico. A General Motors, tinha uma fábrica, desde a sua fundação, situada na cidade de Flint (Estado de Michigan), responsável por grande parte da força econômica da cidade. Em meados da década de 80, a GM decidiu desativar a empresa nessa cidade e transferi-la para o México, sem a intenção de remanejar qualquer empregado. Fechou simplesmente porque já não era tão bom para os negócios. O motivo principal: a mão de obra americana era muito cara e a mexicana, bem mais barata.

Nos dias de hoje, já no novo milênio, a cidade de Flint continua empobrecida, sem perspectivas de recuperar a vitalidade e o progresso que a caracterizou desde a fundação da GM.

Dessa forma, a globalização não tem nacionalidade, é predadora, e não deve lealdade a ninguém. No caso da GM, a perplexidade maior está no fato de que ela é genuinamente americana mas, mesmo assim, despediu empregados americanos e arrasou uma cidade inteira.

Se o presidente da GM não teve escrúpulos em tomar uma decisão, dentro de seu próprio país, que afetaria diretamente 18.000 cidadãos americanos, baseado somente na perspectiva econômica, e avaliando como justificativa social de decisão correta “que os ex-empregados terão simplesmente que buscar outras fontes de sustento”, o que não fará em outros países?

Analisando outro caso, no Brasil, na região do ABC - Grande São Paulo, vem se constatando nestes últimos 15 anos, a desindustrialização de um polo emergente desde a década de 50 e que se encontra em declínio, ocasionado pela mudança geográfica da globalização e pelo sindicalismo agressivo dos trabalhadores. Esses dois fatores foram determinantes para que as empresas ali instaladas buscassem regiões mais atrativas economicamente e menos conflitantes nas questões sindicais.

Dentre as empresas da região, as montadoras automobilísticas é que concentram o maior número de funcionários e que, também, possuem maior organização sindical. É devido à essa organização sindical que os trabalhadores conseguem diminuir o número de demissões que são programadas todos os anos. Gradualmente, os postos de trabalho vêm sendo eliminados em função da automação e da robotização das fábricas.

Ao mesmo tempo, essas mesmas empresas também decidem fechar unidades fabris inteiras, transferindo-as para países com mão de obra mais barata que a brasileira, tais como México e China. A insensibilidade empresarial, ao desativar uma região que é constituída de uma sociedade dependente de postos de trabalho especializados, revela a barbárie suave das grandes corporações.

O caso da rede americana Wal-Mart, a maior empresa do mundo, também exemplifica a barbárie das grandes corporações. Nos Estados Unidos, de cada 4 produtos vendidos, 3 são vendidos no Wal-Mart. Por outro lado, a Wal-Mart é responsável pelo fechamento de empresas que, tradicionalmente, tem um nicho de especialização, por não conseguirem vender ao preço praticado pela Wal-Mart. Por vender em grande escala, por conseguir fazer parcerias de comercialização e fabricação com países tais como a Índia, China, Indonésia, Taiwan, em que a mão-de-obra é desproporcionalmente mais barata que a americana, a Wal-Mart comete um dos atos mais comuns de barbárie suave da globalização: ela desloca empregos indiretos para fora dos Estados Unidos, aumentando o desemprego interno. Além disso, ao praticar concorrência desleal, acaba provocando a falência das empresas vizinhas e, por conseqüência, gerando mais desemprego.

A Wal-Mart, nos Estados Unidos, exerce presença tão preponderante, que as lojas estão competindo entre si, em um processo de auto-canibalização. Por isso, a rede está em acelerada expansão no mundo. A competição da Wal-Mart com a rede Carrefour⁹ é antiga e, de tempos em tempos, ocorrem boatos de que a Wal-Mart estaria se preparando para fazer uma proposta hostil, com o intuito de obter o controle sobre a rival. Esses dois episódios demonstram que os empresários da Wal-Mart recorrem a práticas de atos violentos que se constituem em barbárie.

No Brasil desde 1995, e continuando a sua expansão, a Wal-Mart tornou-se líder da região nordeste e, no âmbito nacional, encontra-se na terceira colocação na lista do varejo, perdendo para a Rede Pão de Açúcar (1º) e para o Carrefour (2º).

Atualmente, ao mudar a tática de expansão da rede, baseada na construção de novas lojas, pela compra de redes de supermercados já instalados em lugares estratégicos, a Wal-Mart visa ocupar o primeiro lugar no ranking dos supermercados, também no Brasil, aumentando o seu poder global insaciável. Ao se instalar no Brasil, a Wal-Mart desconsiderou os valores da cultura brasileira e implantou nos supermercados, a cultura organizacional praticada nos Estados Unidos. A postura da empresa não deu certo. A cultura organizacional tipicamente americana foi rejeitada pelos funcionários, que estranharam o puritanismo religioso da administração americana. Com o tempo, constatando que os funcionários brasileiros não se moldavam, os empresários

⁹ A rede francesa Carrefour é a número dois no mercado mundial varejista e criadora do conceito de hipermercado.

americanos da rede tiveram que se adaptar, em parte. Esse descaso com os valores culturais dos trabalhadores das empresas globalizadas é regra, e demonstra a prepotência com que as grandes corporações tratam os seus funcionários.

É inegável, e inevitável, a influência do processo de globalização na vida das pessoas, que trabalham em organizações que norteiam suas vidas, modelam seus comportamentos, constroem suas expectativas e, por vezes, destroem os seus sonhos. Por isso, globalização diz respeito a todos os processos por meio dos quais os povos do mundo são incorporados em uma única sociedade mundial, a sociedade global, marcada pelo trabalho, ou pelo processo perverso produzido também pela globalização, o desemprego.

Considerações finais

A globalização é um universo múltiplo, em que o singular se funde no plural, as contradições transparecem apontando desigualdades e exclusão social. A globalização consolidou a ideologia de uma sociedade desigual e contraditória, envolvendo economia, política, geografia, história, cultura, religião, língua, tradição, identidade, etnicismo, fundamentalismo. Mas os signatários da globalização reconhecem apenas os aspectos econômicos e políticos. Suas convicções assentam-se na autonomia dos países, na liberdade de comercializar, nas leis de economia de mercado, assegurando que as regras são igualitárias e boas para todos e, por isso, todos tem que aderir. A globalização parte de pressupostos democráticos, mas impõe suas regras e normas ao mundo, não aceitando resistência e oposição. A obediência e a submissão aos padrões ditados pelo poder hegemônico remete ao grande mal do homem contemporâneo, o “ser fixo” do sujeito que consiste em mantê-lo fixo, engessado em uma ideologia materialista que não pode, e não deve, ser questionada, por ser a “melhor para todos”.

Dessa forma, a globalização, como expressão maior da cultura de massas, caracteriza-se como uma barbárie suave, privando o sujeito do entendimento, do exercício do pensamento, e da possibilidade de alcançar as fontes de transcendência.

A barbárie suave, ao destruir a capacidade de reflexão, atinge a substância da alma do sujeito, interferindo ideologicamente nos significados humanos, “sujeitando o sujeito”, condenando-o à submissão, buscando impedi-lo da possibilidade de vir a tornar-se indivíduo, melhor dizendo, pessoa¹⁰.

¹⁰. Pessoa: persona que exprime a “alma aberta” que conecta a sua interioridade ao mundo externo.

Bibliografia

- A BARBÁRIE venceu. *Veja*, São Paulo, edição 1851, ano 37, n. 17, 28 de abril de 2004, p.86-87.
- ARENDR, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: EDUSP, 1981.
- BARNET, Richard J. MÜLLER, Ronald. *Poder Global: A força incontrolável das multinacionais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- COMO seria o mapa-mundi se os países tivessem o tamanho de sua população. *Veja*, São Paulo, edição 1937, ano 38, n. 52, 28 de dezembro de 2005, p.134.
- DAMERGIAN, Sueli. A Construção da Subjetividade na Metrópole Paulistana: Desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, Eda T. de O. (Org.). *Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano*. São Paulo: EDUC - Fapesp, 2001, p.87-120.
- FREUD, Sigmund. *Psicología de las Masas*. Madrid: Alianza, 1991.
- IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MATTÉI, Jean-François. *A Barbárie Interior: Ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: UNESP, 2002.
- O BRASIL na mira. *Veja*, São Paulo, edição 1844, ano 37, n. 10, 10 de março de 2004, p. 80.
- PLATÃO. *A República*. 4. ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- ROCHA, Marta. Parada obrigatória. *Revista Exame* [on line], São Paulo, 22/01/2002. Disponível em: <http://www.portalexame.com.br/carreira/m0042324.html>. Acesso em: 10/07/2005.
- SCHELP, Diogo. Todos querem ser europeus. *Veja*, São Paulo, edição 1852, ano 37, n. 18, 5 de maio de 2004, p.56-57.